

ADALBERTO CORINALDI¹

(Scandiano, Itália, 1899; Kibutz Bror Chail, Israel, 1979)



Adalberto Corinaldi. Genova, 25 de abril de 1939.
Foto da ficha consular de qualificação. Acervo:
Arquivo Nacional/RJ.

1 História de vida reconstituída por Anna Rosa Campagnano e publicada no livro *A milenária presença de judeus na Itália: resgatando a memória da imigração de judeus italianos no Brasil (1938-1941)*, em coautoria com Sema Petragani. S. Paulo: Atheneu, 2007. Pesquisa baseada em fragmentos extraídos do livro inédito de memórias de Adalberto Corinaldi intitulado *Ricordanze*.

Raízes ítalo-sefaraditas

Adalberto Corinaldi, ítalo-sefaradita, oriundo de Scandiano (Reggio, Itália), nasceu em 8 de dezembro de 1899, filho de Salomone Corinaldi e de Elena Fano, sendo esta filha de Emanuele Fano e Eva Forti. Elena nasceu em 18 de agosto de 1868 em Veneza (Itália). Adalberto tinha mais três irmãos: Rosita, Evelina e Benedetto. Rosita nasceu na Itália, em Scandiano, em 2 de novembro de 1901 e casou-se com Mario Dina com quem teve quatro filhos. Segundo Bruno Levi, a família Corinaldi possuía um castelo em Veneza, o qual lhe foi restituído após a guerra.

Os antepassados dos Corinaldi residiam em Scandiano (Reggio, Itália) havia 200 anos, vindos de Ferrara com a intenção de abrir um banco de empréstimos. Os pais de



Scandiano, ao norte da Itália, terra natal de Adalberto Corinaldi.
Google Maps.

Adalberto casaram-se em Veneza em 1896, transferindo-se de Scandiano para Milão, onde Salomone trabalhou com o sogro, que fornecia mantimentos e materiais ao cárcere de San Vittore. Em 1911, sempre a trabalho, a família mudou-se para Cremona, onde não havia uma comunidade judaica grande, razão que favoreceu o afastamento do judaísmo ativo. Mesmo assim, mantinham suas tradições judaicas em meio ao espaço familiar.

Em maio de 1917, Adalberto foi convocado pelo Exército para prestar serviço militar e, um ano mais tarde, foi enviado a Caserta, onde frequentou a Escola de Oficiais da Infantaria. Após esse período, foi para Turim e, de lá, para Florença e Modena. Em 1921, formou-se em engenharia, mas não encontrou trabalho na sua área de especialidade. Foi então trabalhar em Veneza, como procurador da *Assicurazioni Generali*, sendo transferido para Milão em 1925.

Casou-se com Margherita Polacco, em 16 de junho de 1929, irmã de Moisé Raffael Vittorio Polacco, um dos mais significativos expoentes da área do direito civil italiano. Do casamento nasceram Vittori, Emanuele e Elena, cujos nomes foram dados em homenagem aos reis da Itália. Adalberto foi professor dos príncipes italianos e chegou a residir no palácio real.

Um antifascista convicto

Adalberto Corinaldi sempre se declarou antifascista convicto, defensor do judaísmo e levado a colaborar pela defesa do patrimônio judaico, razões que o moveram a assumir a direção da Comissão de Milão do Keren Kayemeth LeIsrael (KKL), fundo nacional judaico.^A Em 1937, Adalberto foi

A-Keren Kayemeth LeIsrael (KKL): organização fundada em 1901, no V Congresso Sionista de Basel, com a finalidade de comprar terras no território da Palestina, hoje Estado de Israel. Atualmente, a entidade se responsabiliza por todos os aspectos administrativos, protegendo e desenvolvendo a riqueza ecológica do país.

convocado pelo Corpo d'Armata, em Bolonha, quando já havia alçado o título de capitão. O objetivo era de assinar um contrato de transferência para as colônias na África. Segundo escreveu Corinaldi em suas memórias, a assinatura desse contrato implicava em:

Participar da guerra da Espanha, que o governo fascista conduzia com tropas regulares contra a república Espanhola considerada como uma ameaça comunista. Recusei-me violentamente a assinar qualquer tipo de documento e, por sorte, fui posto em licença do serviço militar por tempo indeterminado. (CAMPAGNANO, 2007, p. 222).

Em 1938, viviam na Itália cerca de 57 mil judeus que, segregados pelos atos antissemitas do regime fascista, foram considerados “perigosos” à ordem e à segurança nacional. Calcula-se que 10 mil judeus expatriados a partir de 1938 foram levados para campos de internamento ou obrigados a viver sob controle policial. A situação mudou radicalmente no dia 8 de setembro de 1943 quando a Alemanha constatou que a Itália seria ocupada pelos Aliados. No dia seguinte, as tropas nazistas ocuparam a península italiana, dominando grande parte do norte e do centro. Segundo o Yad Vashem, dos 40 mil judeus que ainda viviam na Itália em 1943, 8 mil foram assassinados pelos nazistas. Acredito que neste momento, parte da família de Adalberto Corinaldi foi presa e deportada para o campo de concentração de Auschwitz com a ajuda da polícia fascista. Segundo escreveu Adalberto em suas memórias,

As leis raciais de 1938, promulgadas depois de uma campanha de infâmia e mentiras contra os judeus, convenceram-me de que não restava alternativa a não ser deixar a Itália. Depois de excluir a hipótese de ir para Israel ou Estados Unidos, devido às dificuldades que tais opções apresentavam, decidi emigrar para o Brasil, onde a *Assicurazioni Generali Venezia* havia aberto uma filial e, muitos dirigentes eram meus conhecidos. Depois de muitas tramitações, obtive do consulado brasileiro em Gênova os vistos para toda a família com direito a permanência de apenas três meses. (CAMPAGNANO, 2007, p. 222).

Da vida segregada para o Brasil

Após a promulgação das Leis Raciais pelo governo de Mussolini em 1938, Adalberto Corinaldi, sua esposa e filhos, refugiaram-se no Brasil, país no qual havia uma filial da *Assicurazioni Generali*. Em novembro de 1938, Adalberto Corinaldi começou os preparativos para a viagem. Conseguiu tirar os passaportes para ele e sua família em Milão. Em 14 de junho de 1939, os Corinaldi desembarcaram no porto de Santos, indo viver em S. Paulo, na Rua Vieira de Carvalho nº 111, nas proximidades do Largo do Arouche.

Partiram de Gênova em fevereiro de 1939 a bordo do Conte Grande, tendo como “irmãos de navio” as famílias de Bruno Levi, os Calò e os irmãos Camerini (Oscar e Vittorio). Vittorio era casado com Gemma Cohen e tiveram duas filhas: Silvia (Weindholtz) e Helena (Moritz). Oscar teve dois filhos: Enrico, que retornou para Milão, e Ugo, que se graduou em Física Atômica na Universidade de Madison, nos EUA. Com eles, no mesmo navio, viajaram as famílias de Giuseppe Amar e Ugo Frankenthal.



Ficha consular de qualificação de Adalberto Corinaldi com visto emitido pelo consulado-geral do Brasil em Gênova, 25.4.1939.
Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

O grupo desembarcou no porto de Santos e veio para S. Paulo onde, inicialmente, hospedou-se em pensões: os Corinaldi foram para uma pensão de judeus alemães refugiados, enquanto que as famílias Amar e Frankenthal optaram por outros locais, mas sempre encontravam um espaço para reuniões. Tomavam aulas de português, em grupo, das seis

às sete da manhã. Formaram assim um círculo de italianos refugiados que ficou conhecido como “Colônia Mussolini”, como se autodenominavam.

Adalberto começou a trabalhar na *Assicurazioni* e, assim como vários outros italianos, buscou apoio da Congregação Israelita Paulista (CIP), onde tornou-se um elo com a comunidade italiana. Na congregação, os Corinaldi ficaram próximos dos Camerini, constituindo um importante binômio Camerini-Corinaldi. Em 7 de janeiro de 1960,

AONDE VAMOS?

I A I S

**CAMPANHA DE EMERGENCIA
ENTRE OS JOVENS**

Realizou-se no dia 17 uma reunião no Clube Cham Veizman dos representantes das organizações juvenis de São Paulo à qual também estiveram presentes os dirigentes da campanha, srs. Guedalia Zuchovitzky, Marcos Frankenthal e Adalberto Corinaldi. Tratou-se do lançamento da Campanha Pró-Defesa e Construção de Israel entre os jovens, tendo sido designado como técnico para a juventude o dr. Adalberto Corinaldi.

Resolveu-se que a Campanha seria proclamada em meados de Setembro, não tendo sido abordados ainda os problemas técnicos porque algumas organizações não estavam representadas e para uma realização como esta é necessário o apoio da juventude em todos os setores de sua atividade e vida social.

Adalberto Corinaldi citado como dirigente de campanha Pró-Defesa de Israel.
Coluna “Sociais” da revista *Aonde vamos?* Recorte, s.d., p. 10.

Adalberto Corinaldi

Adalberto Corinaldi foi eleito para o quadro de Presidentes da Assembleia dos Representantes da CIP, exemplo evidente do acolhimento aos italianos. Corinaldi assumiu as funções de secretário em diversos comitês e órgãos judaicos, dos quais o mais importante foi a Organização Sionista Unificada do Estado de S. Paulo.

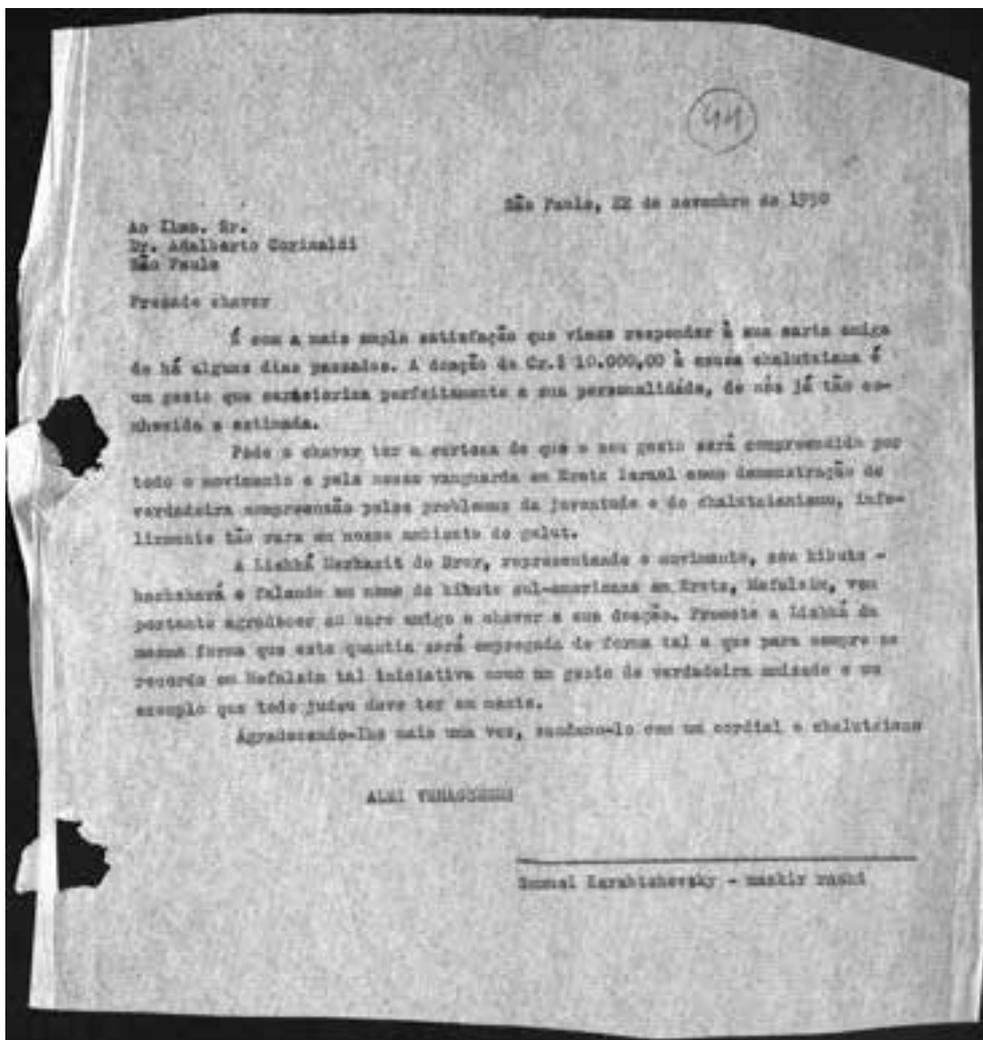
Segundo a historiadora Anna Rosa Campagnano – autora de um dos mais importantes estudos sobre os italianos refugiados no Brasil durante a Era Vargas – este foi um período difícil para os Corinaldi. As notícias sobre o trágico destino da família em Auschwitz deixaram um amargo na vida dos italianos refugiados no Brasil e, mais ainda, na de Adalberto. Em 1945, ele soube da deportação de sua irmã Rosita Camerini, capturada com o marido Dino Mario e os quatro filhos; de sua mãe Elena Fano Corinaldi e seus irmãos Giuseppe e Giulio Fano; do irmão do seu avô, Gustavo; e de Lina Pirano, viúva de um outro irmão do pai, cujos filhos e familiares também desapareceram. Hoje, as *Stolpersteine* [pedras de tropeço] instaladas em Veneza cumprem o papel de relembrar as vítimas do nazismo. (CAMPAGNANO, 2017, p. 220-224).

Em 22 de novembro de 1950, Adalberto doou Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) à causa chalutziana com o objetivo de ajudar essa vanguarda em Eretz Israel. Em fevereiro de 1965, Adalberto Corinaldi teve seu nome inscrito no Livro de Mérito da CIP ao lado de outros refugiados, entre os quais Alberto Hoffmann e Armand-Henri Moritz. Além da CIP, ele teve participação ativa na formação do Dror^A e contato direto com o *kibutz* Bror Chail que mantêm arquivado as suas cartas. Em 22 de agosto de 1951, Adalberto

A-Habonim Dror Brasil (em hebraico, **הבונים דרור ברזיל**): movimento juvenil judaico sionista-socialista, que almeja educar seus *chaverim* através dos valores do judaísmo cultural humanista e do sionismo-socialista, sendo o constituinte brasileiro do Habonim Dror Mundial, o maior movimento juvenil judaico não religioso do mundo. O movimento chegou ao Brasil em 1945 por influências dos ativistas argentinos. Hoje existem nove sedes (*snifim*) em todo o país: Porto Alegre, Curitiba, S. Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Manaus e Fortaleza.

Vozes do Holocausto

e Margherita Corinaldi anunciaram ao Hanhagá Artzit do Dror a chegada de uma “nova sabrinha nascida entre os membros do *garin* brasileiro”, filha de Elena e Naftali Czeresnia. (CAMPAGNANO, 2017, p. 225). Os Corinaldi doaram ao Fundo Hitiashvut a importância de Cr\$ 3.000,00 (três mil cruzeiros). Corinaldi foi eleito Primeiro Secretário da Federação Israelita do Estado de S. Paulo (Fisesp) em 1947, e presidente da Assembleia da CIP para o período de 7 de janeiro de 1960 a 5 de março de 1963.



Carta de Samuel Karabtchevsky agradecendo a doação de Adalberto Corinaldi à causa Chalutziana. S. Paulo, 22 de novembro de 1950. Cópia doada ao Arqshoah por Anna Rosa Campagnano.

O legado dos Corinaldi

O casal Corinaldi reconstruiu sua vida no Brasil e, depois de muitos anos, retornou ao seu ponto de partida: a Itália. Seus filhos fizeram carreira e, como judeus, formaram suas raízes em Israel. Segundo escreveu Adalberto Corinaldi em seu livro de memórias *Ricordanze*, em trechos selecionados por Anna Rosa Campagnano (2007, p. 223-225):

Elena, nossa filha, casou-se em novembro de 1950, em S. Paulo, com Naftali Czeresnia e, em 1951, foi morar no Kibutz Bror Chail em Israel. O casal mudou de nome e sobrenome: Ilana e Naftlai Tzoran. O filho Vittorio, com sua esposa Jaffa, também optaram por Israel para onde se transferiram em 1955, onde ele trabalha como arquiteto. Emanuele formou-se pela Escola de Arte Dramática de S. Paulo, ingressou na companhia teatral de Nydia Licia/Sergio Cardoso e, em 1958, casou-se com Zina Süsskind. Partiram para a Inglaterra, onde foi contratado pela *British Broadcasting Company* para as transmissões de Londres para o Brasil. Mudaram-se então para Israel e ele ocupou-se apaixonadamente da divulgação sionista e da atividade representativa de Israel frente a organismos judaicos e entidades culturais e acadêmicas europeias e americanas.

Finalmente, depois que todos os filhos haviam deixado o Brasil, eu e minha esposa tomamos a decisão de voltar para a Itália. Estabelecemos em Veneza, onde recuperamos as propriedades que nos tinham sido sequestradas durante a guerra e eu entrei em contato com a comunidade judaica da cidade. Assumi o cargo de reavivar o Museu Judaico ali existente e de promover o Gueto e suas ricas sinagogas, patrimônio artístico e cultural de Veneza.

Em 1966, assumi a vice-presidência do Conselho da Comunidade Israelita e, a seguir, a presidência desta até 1991. Neste último encargo, fiz ressurgir um grupo sionista.

Alguns anos depois, já limitados pela idade no ritmo de suas atividades, meus pais (que hoje já faleceram) decidiram reunir aos filhos em Israel, levando a cabo o extremo imperativo de sua fé sionista.

Como tantos outros refugiados que fugiram da Europa, a trajetória de Adalberto Corinaldi expressa a postura de um homem que, apesar da tragédia que destruiu parte da sua família, continuou acreditando nas promessas de liberdade e democracia. Carregou consigo os traumas herdados das perversidades fascistas e transformou a emigração forçada em uma

Vozes do Holocausto

forma de repúdio às leis raciais de Mussolini. Mas, no fundo, sobrou o sabor da amargura e um sentimento de culpa por ter deixado seus familiares à mercê dos nazifascistas.

Assim o abismo se abriu para minha mãe, para minha irmã Rosita (capturada com o marido e quatro filhos, todos eles crianças, e que eu mal conhecia), e outros... Portanto, no final da guerra que destruiu quase toda a Europa, as perdas do meu pequeno círculo familiar podiam ser contadas às dezenas. (CAMPAGNANO, 2017, p. 224).

Em 28 de fevereiro de 1965, Corinaldi deixou o Brasil e faleceu em setembro de 1979, sendo enterrado no *kibutz* Bror Chail em Israel, onde vivem seus filhos Vittorio, Emanuele e Elena. (CAMPAGNANO, 2017; CARNEIRO, 2010).

In memoriam



Stolpersteine [pedras de tropeço] instaladas em Veneza em nome da família Corinaldi, vítimas da violência nazista. Auschwitz, 1944.

Fotografias de Christian Michelides. Veneza, 22 de março de 2017. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Stolperstein_für_Elena_Fano_Corinaldi.jpg>; <https://en.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:WikiProject_Stolpersteine/Stolpersteine_in_Venice>. Acesso em: 08 out. 2018.